



“POR PRINCÍPIO O AMOR, POR DIVISA A LIBERDADE E POR FIM A HUMANIDADE”: OS VÍNCULOS ENTRE RAÇA E CLASSE NA TRAJETÓRIA MILITANTE DE CHRISTIANO FETTERMANN NO PÓS-ABOLIÇÃO EM PORTO ALEGRE

Liana Severo Ribeiro¹

Resumo: O presente artigo aborda a trajetória de vida de Christiano Fettermann, um homem negro gaúcho que viveu entre a segunda metade do século XIX e o ano de 1930. Além de militante da causa operária, Christiano foi colaborador entre os anos de 1908 e 1911 do Jornal O Exemplo, importante veículo da imprensa negra. Nesse sentido, ao longo da sua vida teve envolvimento com ambas as causas, articulando-as nos diversos espaços associativos em que atuou na cidade de Porto Alegre. Desta forma, tenho como objetivo investigar e melhor compreender as possibilidades traçadas por esse indivíduo que viveu e atuou em um período bastante complexo, período esse marcado: pelo acirramento das tensões envolvendo as definições de raça/cor; pelas crescentes expectativas sociais associadas ao início da República; bem como pelas lutas por cidadania que emergiram no contexto do pós-abolição brasileiro.

Palavras-chave: pós-abolição; trajetórias; movimento operário; instrução;

“LOVE AS THE POSTULATE, FREEDOM AS THE MOTTO AND HUMANITY AS THE GOAL”: BONDS AMONG RACE AND CLASS IN THE MILITANT TRAJECTORY OF CHRISTIANO FETTERMANN IN THE POST-ABOLITION PERIOD IN PORTO ALEGRE.

Abstract: This article discusses the life trajectory of Christiano Fettermann, a black man from the state of Rio Grande do Sul/Brazil which lived between the second half of the 19th century and the year of 1930. In addition of being a militant in the workers' cause, he was a collaborator between the years 1908 and 1911 of O Exemplo Journal, an important media of the black press. In this sense, throughout his life Fettermann was involved with both causes, articulating them at several Porto Alegre associative spaces in which he played roles. Thus, I shall investigate and attempt to better understand the possibilities outlined by this individual who lived and acted in a very complex period, in which heightened tensions involving the definitions of race/color, growing-social

¹ Licenciada em História pela UFRGS, mestranda em História/UFRGS, pesquisadora da área do Pós-abolição e Imprensa Negra no Rio Grande do Sul. E-mail: lianasevero@gmail.com



expectations associated with the beginning of the Republic, as well as the struggles for citizenship that were updated in the context of Brazilian post-abolition have surfaced.

Keywords: post-abolition; trajectories; labor movement; instruction;

"POR PRINCIPIO EL AMOR, POR LEMA LA LIBERTAD Y POR FIN LA HUMANIDAD": LOS VÍNCULOS ENTRE RAZA Y CLASE EN LA TRAYECTORIA MILITANTE DE CHRISTIANO FETTERMANN TRAS LA ABOLICIÓN EN PORTO ALEGRE

Resumen: El presente artículo aborda la trayectoria de vida de Christiano Fettermann, un hombre negro “gaúcho” que vivió entre la segunda mitad del siglo XIX hasta 1930. Además de militante de la causa obrera, Christiano fue colaborador entre los años 1908 y 1911 del periódico “O Exemplo”, importante medio gráfico de la prensa negra. En ese sentido, a lo largo de su vida estuvo involucrado en ambas causas, articulándolas en los diversos espacios asociativos donde actuó en la ciudad de Porto Alegre. Por lo tanto, mi objetivo es investigar y comprender mejor las posibilidades delineadas por este individuo que vivió y actuó en un período complejo, período marcado por el endurecimiento de las tensiones que implican las definiciones de raza / color; por las crecientes expectativas sociales asociadas con el comienzo de la República; así como las luchas por la ciudadanía que se actualizaron en el contexto de la post-abolición brasileña.

Palabras- clave: post-abolición; trayectorias; movimiento obrero; instrucción.

"PAR PRINCIPE L'AMOUR, PAR DEVISE LA LIBERTÉ ET ENFIN L'HUMANITÉ": LES LIENS ENTRE RACE ET CLASSE DANS LA TRAJECTOIRE MILITANTE DE CHRISTIANO FETTERMANN APRÈS L'ABOLITION À PORTO ALEGRE

Résumé: Cet article traite de la trajectoire de vie de Christiano Fettermann, un homme Noir du Rio Grande do Sul, Brasil, qui a vécu entre la seconde moitié du XIXe siècle et l'année 1930. En plus d'être un militant de la cause ouvrière, Christiano a été un collaborateur entre les années 1908 et 1911 du journal O Exemplo, véhicule important de la presse noire. En ce sens, il s'est engagé tout au long de sa vie dans ces deux causes, en les articulant dans les différents espaces associatifs dans lesquels il a travaillé dans la ville de Porto Alegre. Ainsi, mon objectif est d'étudier et de mieux comprendre les possibilités offertes par cet individu qui a vécu et agi dans une période très complexe, une période marquée par l'escalade des tensions concernant les définitions de la race/couleur, les attentes sociales croissantes relatif au début de la République, ainsi que le renouvellement des luttes pour la citoyenneté dans le contexte de la post-abolition au Brésil.

Mots-clés: post-abolition; chemins; mouvement ouvrier; instruction.

INTRODUÇÃO



O presente artigo tem como objetivo abordar a trajetória de vida de Christiano Fettermann, um homem negro gaúcho que viveu entre a segunda metade do século XIX até o ano de 1930. Colaborador do Jornal O Exemplo entre os anos de 1908 e 1911, Christiano foi um militante da causa operária e negra na capital do Rio Grande do Sul, tendo uma vida marcada pela atuação em diversos espaços associativos da cidade. Tenho como inspiração a necessidade e a curiosidade de melhor compreender as possibilidades traçadas por esse indivíduo que viveu e atuou em um período bastante complexo, marcado pelo acirramento das tensões envolvendo as definições de raça/cor e pelas expectativas que eram acentuadas com o início da República. A preocupação aqui é com a experiência construída por Christiano em certos contextos, tomando como base a noção de que o mesmo não trilhou caminhos ou se movimentou a partir de escolhas unicamente individuais. Acredito ser importante salientar tal aspecto, tendo em vista que é improvável compreender os caminhos por ele percorridos sem buscar absorver o emaranhado de possibilidades ou interdições de oportunidades que o período ensejou.

Para tanto, o guia que utilizarei na pesquisa será o nome de Christiano. O emprego do nome próprio como meio de abrir a investigação história não é algo novo, como já alertou Ginzburg e Poni (1989). Assim, o método onomástico abriu a possibilidade de averiguar alguns locais por onde ele transitou, quais foram suas apostas no mundo do trabalho, quais relações sociais estabeleceu e a quais correntes políticas se alinhou. Isto viabilizou a recomposição, em certo nível, de uma espécie de “tecido social” no qual estava inserido aquele indivíduo (Ginzburg e Poni, 1989). O “rastreamento” de Christiano a partir de seu nome na documentação permitiu-me vislumbrar caminhos que foram construídos numa relação constante com outros personagens do período, suscitando reflexões a respeito dos limites e das possibilidades colocadas e debatidas por aqueles agentes no início do século XX e ampliando a visão acerca das experiências de pessoas negras no pós-abolição. No entanto, ainda que as informações coletadas tenham viabilizado recuperar aspectos importantes de sua trajetória, é necessário ressaltar que as lacunas ainda são grandes. Esse é um desafio inevitável quando nos propomos a compreender escrever a história de indivíduos os quais apenas nos últimos anos passaram a ser objetos de investigação histórica.

Christiano era filho de um sapateiro alemão e de uma liberta (Marçal, 1995). Ao lado do irmão Djalma, foi um importante militante libertário no Rio Grande do Sul, ainda que a historiografia do movimento operário do estado não tenha abordado sua trajetória



dessa forma. Além do jornal da imprensa negra O Exemplo, a fonte que serviu como base para traçar a vida de Christiano foi o periódico A Federação,² além de algumas notas pontuais localizadas em jornais do Rio de Janeiro. Nos jornais, pude encontrar as suas apostas na carreira do serviço público, a importância por ele associada à instrução naquele contexto, bem como suas denúncias a uma República que, naqueles anos, ainda não concretizava as demandas por cidadania e ampliação de direitos.

Antes de seguirmos pelos meandros de sua trajetória, cabe elucidarmos, afinal, o que era o jornal O Exemplo. Surgido em Porto Alegre no ano de 1892 e tendo seu último número circulado em 1930, O Exemplo foi o primeiro jornal da imprensa negra no país, abarcando o período imediato do pós-abolição até o avançar da República. Em suas páginas, O Exemplo se preocupou em trazer denúncias envolvendo casos de racismo, que impedia negros e negras de frequentar determinados espaços públicos da capital gaúcha, tais como bares, cafés, teatros e até mesmo escolas. Seus mantenedores tiveram engajamento em projetos que envolviam a criação de espaços escolares para filhos e filhas de trabalhadores da cidade como forma de combater o racismo e a discriminação que inculcia obstáculos ao direito de instrução da população negra naquele período.

Ainda que tenha acumulado uma série de interrupções sobretudo em função da falta de dinheiro para a manutenção do periódico, O Exemplo foi um importante projeto político construído por homens e mulheres negras que possuíam trajetórias de vida bastante diversas (o que, evidentemente, também gerou disputas internas). Não obstante, aqueles indivíduos tinham como objetivo comum a construção de um espaço que pudesse ser mais uma ferramenta na afirmação de direitos que deveriam ser garantidos após o fim da escravidão e o advento do novo regime político. Sendo assim, utilizarei para este artigo alguns textos veiculados em O Exemplo de autoria de Christiano, que permitem uma aproximação com sua produção intelectual e que expressam os debates que se faziam necessários no período.

Christiano colaborou desde pelo menos 1908 com O Exemplo e assumiu sua direção em 1909, período em que o mesmo passou a acolher em sua redação outros ativistas da causa libertária. A bibliografia a respeito do jornal já identificou o diálogo de

²A Federação foi um jornal vinculado ao Partido Republicano Rio grandense que circulou entre o final do século XIX até início dos anos de 1930.



O Exemplo com as tendências do movimento de trabalhadores, indicando a presença do socialismo em fins do século XIX e também o diálogo com o anarquismo e o anticlericalismo a partir de 1908 (Perussatto, 2018). Podemos caracterizar em linhas gerais o anarquismo como uma das vertentes do socialismo, não se tratando de uma corrente política homogênea, ainda que possamos delinear a aversão ao Estado, o apreço pelas liberdades individuais e a ação direta como seus princípios fundamentais (Perussatto, 2018). Mesmo que tenha se manifestado no Brasil desde fins do século XIX, os ideais anarquistas passaram a ganhar mais espaço dentro de sindicatos nas cidades mais industrializadas do país apenas no início do século seguinte, principalmente a partir de 1906 (caso de Porto Alegre), ano marcado pela importante greve dos 21 dias. Petersen (2001) sinaliza como um dos importantes marcos para o movimento anarquista da capital gaúcha a fundação do jornal *A Luta* – ainda em 1894 – e da Escola de Ensino Livre Elyseu Réclus, o que demonstra a importância e organização desta corrente do movimento operário no período.

O primeiro vestígio que encontrei a respeito de Christiano data do ano de 1904, onde o mesmo presta exame de língua alemã para os preparatórios do Ginásio do Rio Grande do Sul.³ Como já destacado, Marçal (1995) sublinhou que os irmãos Fettermann eram filhos de um imigrante europeu com uma mulher negra – algo que, como colocado por Rosa (2014) ao explicar sobre as possibilidades de negros introduzidos em língua estrangeira, era uma situação bastante comum em variados locais, inclusive em Porto Alegre. A vinda de imigrantes estrangeiros – nesse caso, alemães – já era uma realidade desde pelo menos a primeira metade do século XIX (Seyferth, 1994), o que proporcionou a interação destes com os trabalhadores brasileiros através, inclusive, da formação de famílias nas quais o racismo jamais deixou de estar presente.

O acesso à educação e as tentativas de ingresso no serviço público parecem ter sido uma aposta de Christiano como via de ascensão social naquele contexto. Assim como ele, um considerável número de articulistas envolvidos no jornal (Santos, 2011; Perussatto, 2018) tiveram a vida profissional construída no serviço público, o que pode ter assegurado uma relativa ascensão social e consequente estabilidade, que inclusive viabilizaram suas atuações em *O Exemplo*. No início do século, Christiano aparece

³A Federação, 14 de dezembro de 1904, p. 2



prestando os primeiros concursos que consegui localizar. Em 1907, por exemplo, fez exames preparatórios para Escola de Guerra,⁴ em 1908 prestou seleção para ingressar como auxiliar da Secretaria da Inspeção Geral da Instrução Pública⁵ e em 1911 disputou uma vaga para auxiliar da repartição central da Secretaria do Interior.⁶ Em 1912 logrou aprovação em terceiro lugar no concurso para praticante de segunda classe da administração dos Correios,⁷ cargo ocupado até pelo menos 1918, quando já aparece como praticante de primeira classe.⁸

O irmão mais novo de Christiano, Djalma Fettermann, parece igualmente ter apostado no serviço público como forma de buscar ascensão e estabilidade – identifiquei sua aprovação em primeiro lugar, no ano de 1919, também para um cargo na administração dos Correios.⁹ Naquele mesmo ano, Christiano ainda figurava como funcionário da instituição, mas dessa vez ligado à Diretoria Geral do órgão público,¹⁰ o que pode demonstrar não apenas a longevidade no mesmo local de trabalho como também certa progressão na própria carreira dentro dos Correios, já que passou a trabalhar em sua Direção.

Ao investigar em seu estudo as ocupações de negros e imigrantes após a abolição no oeste paulista, Monsma (2010) chega à conclusão de que, mesmo em duas décadas após o decreto da Lei Áurea, a maioria da população negra ainda estava nas posições ocupacionais mais baixas na região de São Carlos. De acordo com o autor, o único funcionário público negro localizado no censo de 1907 é justamente um agente dos Correios. Arthur da Rocha, um importante intelectual negro que viveu em Porto Alegre durante o século XIX também foi funcionário público dos Correios (Rosa; Macedo, 2019). Ainda que sejam escassos, esses indícios permitem inferir que o ingresso nos Correios era uma possibilidade de ascensão social e estabilidade acionada por negros letrados desde o século XIX. Observando o edital de um concurso realizado em 1895, Perussatto (2018) nos traz a informação de que os aspirantes a carteiros deveriam pelo menos “saber ler e escrever corretamente e conhecer as quatro operações fundamentais

⁴A Federação, 24 de janeiro de 1907, p. 4

⁵A Federação, 16 de março de 1908, p. 2.

⁶A Federação, 18 de fevereiro, p. 6

⁷A Federação, 11 de junho de 1912, p. 2.

⁸O Exemplo, 2 de junho de 1918, p. 2

⁹A Federação, 6 de agosto de 1919, p. 6

¹⁰A Federação, 9 de agosto de 1919, p. 6.



da aritmética” (p. 77). Já dos candidatos praticantes – cargo ocupado por Christiano – era esperado o conhecimento de “História do Brasil, aritmética até a teoria das proporções inclusive, sendo motivo de preferência o conhecimento de alguma das seguintes matérias: desenho linear, escrituração mercantil, inglês e alemão” (p. 77).

Além do serviço público, a luta pelo acesso à instrução e à educação foram constantes na vida dos irmãos, especialmente Christiano. Como já colocado, para o movimento de trabalhadores os anos iniciais da República são marcados por importantes greves, além de fundação de escolas e jornais dedicados a colaborar com a emancipação dos trabalhadores. Em 1906, a Escola Elyseu Reclus é inaugurada na Rua dos Andradas, promovendo a gratuidade do ensino através de contribuições voluntárias para sua manutenção (Matosinho, 2009). As aulas eram ministradas entre sete e dez da noite, com a concepção de que o aprendizado consistia em uma troca estabelecida entre professores e estudantes. Vários autores já assinalaram a participação efetiva de Christiano na fundação da Elyseu Reclus (onde lecionava português, alemão e francês), algo que também pode ser conferido através da informação de que a Escola mantinha ligação com o Sindicato dos Trabalhadores em Madeira e dos marmoaristas (Matosinho, 2009).

Em nota de O Exemplo veiculada em maio de 1910, noticiou-se a comemoração de um ano da Sociedade dos Trabalhadores em Madeira, da qual Christiano fazia parte como membro da Mesa Diretora.¹¹ Ainda que existisse um descompasso entre os nomes, é plausível supor que trate-se da mesma associação, uma vez que também a Escola Elyseu Reclus teve a retomada de seus trabalhos a partir de 1909 na sede União Operária Internacional, depois de ter suas atividades interrompidas no ano anterior em função da indisponibilidade de local que pudesse abrigar as atividades (Matosinho, 2009). Rosa (2014) já assinalou a proximidade, inclusive através do compartilhamento de espaços, estabelecida entre associações ligadas ao movimento de trabalhadores e as de articulação de negros e negras em Porto Alegre. Por exemplo, o número 55 da rua da Concórdia – hoje Rua José do Patrocínio, no bairro Cidade Baixa – chegou a abrigar no final do século XIX a sede da Liga Operária Internacional e a Sociedade Floresta Aurora concomitantemente.

¹¹O Exemplo, 01 de maio de 1910, p. 3



Saudando a chegada do ano de 1910, Christiano Fettermann elabora uma coluna em que critica algumas posturas da Igreja Católica – temática que identifiquei como recorrente em seus textos. Pontuando a abrangência da Igreja na vida das pessoas e na forma como elas pensavam o mundo, o texto defende que os sentidos e a busca pelo aprendizado estejam voltados para a natureza, “pois só ela nos ensina a compreender a nós mesmos, proclamando: Liberdade, instrução e bem-estar para todos, tendo por princípio o amor, por divisa a liberdade e por fim a humanidade”.¹² Surgido ainda na Idade Média e ganhando força após a Revolução Francesa, o anticlericalismo é uma das bases do anarquismo, voltado principalmente para críticas aos desvios de grandes representantes da Igreja Católica. De acordo com Oliveira (2008), é possível encontrar em jornais anarquistas e do movimento operário do início século XX variadas e duras críticas à instituição católica em função desta, dentre outros motivos, advogar em defesa da harmonia de classe e passividade dos trabalhadores.

O anticlericalismo vai ainda fomentar, junto ao racionalismo, a criação de escolas de ensino livre (como exemplo, a Eliseu Reclus), com o argumento de que a maioria das escolas tradicionais estavam sob a influência católica. Nesse sentido, é possível identificar que a defesa da educação racionalista também estava presente – e associada ao anticlericalismo – na coluna citada e comentada no parágrafo anterior. Surgido no mesmo contexto de emergência da modernidade, o ensino racionalista privilegiava o ensino das ciências naturais, pregando a “defesa do aprendizado ativo, especialmente baseado na observação da natureza e das relações sociais” (Bilhão, 2016). Assim, racionalismo e anticlericalismo eram duas formas de questionamento e combate ao poder religioso católico na definição do que seria o conhecimento válido, mesmo porque o Catolicismo mantinha bastante influência nos espaços de educacionais ainda no início do século XX.

Mais tarde, já em 1916, Christiano teve participação na fundação da Escola Moderna, uma iniciativa também da União Operária Internacional e do Centro de Estudos Sociais. De acordo com a bibliografia, a Escola Moderna funcionava na Rua Ramiro Barcelos (Matosinho, 2009; Marçal, 1995),¹³ região da chamada Colônia Africana – espaço ocupado pela população negra e também de imigrantes nos arredores da área

¹²O Exemplo, 01/01/1910.

¹³Ibidem, p. 33; Marçal, p. 76



central de Porto Alegre. Nos exemplares de O Exemplo lidos por mim entre os anos de 1917 e 1918, encontro vários anúncios de aulas particulares noturnas oferecidas por Christiano no número 246 da rua Ramiro Barcelos, ou seja, muito provavelmente as aulas eram oferecidas no espaço compartilhado pela União Operária Internacional e pela Escola Moderna, demonstrando um trânsito significativo dos Fettermann por essa região da cidade. No único alistamento eleitoral onde encontro o nome de Christiano, consta a informação de que o mesmo era eleitor na região do 1 distrito da cidade,¹⁴ que corresponde à atual área central, mas que abarcava ainda a Redenção e a cidade baixa, o que pode demonstrar certa proximidade entre os territórios mencionados. Os anúncios em questão nos trazem a informação de que, para além de Christiano, Waldomiro Fettermann também se dispunha a dar aulas no mesmo local e horário. Não pude verificar o grau de parentesco possível entre Christiano e Waldomiro, mas é razoável supor que tal parentesco existia. Para além disso, torna-se certo que ambos compartilhavam projetos de defesa da instrução a prática de ensino, já que Waldomiro também figura como um dos professores da Escola Moderna. Assim, peço licença para realizar uma breve explanação a respeito de aspectos da vida de Waldomiro Fettermann que foram possíveis localizar na pesquisa.

Waldomiro tem sua trajetória atravessada pelo Instituto Técnico Profissional, fundado em 1906 (e que passa a se chamar Instituto Técnico Parobé a partir de 1917) por iniciativa do Governo do estado do Rio Grande do Sul em meio aos projetos positivistas de qualificação dos trabalhadores e modernização do estado. Não foi possível saber com exatidão a data de ingresso de Waldomiro na escola, mas é certo que desde pelo menos 1910 ele frequentava as aulas de eletrônica, mecânica e química do Instituto.¹⁵ Em 1912 fora enviado, junto a outros estudantes, para uma estadia na Europa para que pudesse se aperfeiçoar no ramo da mecânica, tendo regressado em 1914.¹⁶ De acordo com Lesch (2014), a partir desse ano a Escola de Engenharia passou a arcar com as despesas de manutenção de alunos que iam para os Estados Unidos e para a Europa, com o objetivo de que aqueles estudantes aprimorassem “seus estudos e conhecimentos práticos, para, na

¹⁴ A Federação, 11 de fevereiro de 1911, p. 4

¹⁵ A Federação, 26/11/1910, p. 1. Relatório do Instituto Técnico Profissional

¹⁶ A Federação, 8/04/1914, p. 1



sua volta, assumir cargos da própria Escola de Engenharia” (p. 228). De acordo com a mesma autora, Waldomiro realizou na Alemanha o curso de eletricidade e máquinas, na Technische Hochschule zu Berlin, tendo retornado em 1914. Seu regresso motivou a realização de uma homenagem organizada por amigos e admiradores ocorrida no salão da Sociedade Floresta Aurora¹⁷ em 1915, ano em que assumiu a direção das oficinas mecânicas da Escola de Engenharia.¹⁸

Ao ler a notícia veiculada pela Federação, podemos vislumbrar que um considerável número de pessoas esteve envolvido na homenagem, que contou com uma recepção, um concerto e uma sessão literária, além de Bandas Musicais. Entre os amigos que fizeram parte da organização do evento estavam Julio Rabello, Vital Baptista e Alcides Chagas Carvalho,¹⁹ homens que também tiveram suas trajetórias marcadas pela atuação no jornal O Exemplo. Assim, parece possível afirmar novamente o grau de parentesco entre Waldomiro e Christiano além de que, visto o trânsito deste em espaços negros na cidade, seja possível levantar a hipótese de que Waldomiro também fosse um homem de cor. Quando da fundação da Escola Moderna, como vimos, Waldomiro já possuía uma carreira profissional relevante enquanto professor do Instituto Parobé. Mesmo assim, participou da manutenção da Escola Moderna e colaborou também como professor na iniciativa – dada sua formação, é provável que ele o responsável pelo curso profissionalizante oferecido pela Escola.

Naturalmente, é possível associar a fundação da Escola Moderna como uma iniciativa de militantes do meio operário, que viam nas escolas racionalistas um meio de contenção de um modelo de ensino baseado na lógica dominante e ainda com influência da Igreja Católica. Sem prejuízo desse aspecto, interessa-nos aqui levantar também os pontos de convergência e as particularidades que podem ter motivado homens negros, para além de suas atuações no movimento operário (nos casos de Christiano e Djalma, já que não encontrei nenhum indício de atuação de Waldomiro nesse meio) a engajarem-se

¹⁷Fundada em 1872, a Sociedade Floresta Aurora foi uma das mais de setenta organizações negras surgidas na capital do Rio Grande do Sul entre o final do século XIX e primeiros anos do século XX, dedicada a fomentar laços de solidariedade e sociabilidade entre a comunidade negra na cidade, e que resiste até os dias atuais.

¹⁸A Federação, 22/09/1915, p. 3

¹⁹A Federação, 28/09/1915, p. 3



na tarefa de fundação e manutenção de uma Escola – assim como por sua vez, o fato de O Exemplo ver com entusiasmo tal iniciativa.

É possível identificar, a partir da leitura do jornal O Exemplo, inúmeras denúncias a respeito de práticas racistas ocorridas em instituições de ensino no país e também em Porto Alegre. Em 1917, por exemplo, o jornal entrou na campanha de denúncia acerca do episódio de expulsão de um dos filhos do professor Hemetério dos Santos, ocorrido na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Como motivo da expulsão, a administração da escola chefiada por religiosos apontou a cor do menino. De modo similar, na capital gaúcha não faltavam reclamações a respeito do modo pouco idôneo de realização da seleção para ingresso de alunas na Escola Elementar, administrada pelo governo do estado. De acordo com relatos trazidos pelo jornal, era conhecida a utilização da influência de alguns pais de alunas que pressionavam o diretor da referida da escola para o ingresso de suas progênitais.

Ao analisar a trajetória de Pretextato dos Passos e Silva, professor e abolicionista negro que viveu na corte na segunda metade do século XIX, Ferreira (2018) localiza a mobilização de vários pais e mães de crianças negras que apelavam ao professor para que criasse uma escola que as pudesse acolher, demonstrando que a afirmação do direito à frequência em espaços escolares formais foi uma pauta sustentada pela comunidade negra em diferentes locais desde a vigência da escravidão. A utilização de influências privadas – certamente marcadas por privilégios de raça e classe – como ocorrido na Escola Elementar de Porto Alegre e os casos de racismo em ambientes escolares não desapareceram com o novo regime. Pelo contrário, os marcadores de cor/raça seguiam operando mesmo em uma sociedade que não mais se organizava constitucionalmente a partir de quaisquer leis flagrantemente discriminatórias ou que garantissem algum privilégio a determinados segmentos sociais. No entanto, as relações sociais davam o tom dos desafios enfrentados e das necessárias denúncias acerca do ingresso e permanência de crianças negras em instituições de ensino formais mesmo após o fim da escravidão. Ainda que a Escola Moderna não fosse destinada exclusivamente a pessoas negras, a iniciativa poderia ter sido vista como uma forma importante de atingir esse público.

Como também salientou Rosa (2014), a presença de imigrantes europeus na Colônia Africana era bastante significativa. Como exemplo, desde 1898 funcionava na

Rua Ramiro Barcelos a Sociedade Beneficente Deutcher Krankenverein, fundada por alemães. A convivência entre estes e trabalhadores negros localizados na Colônia Africana já foi aqui anteriormente salientada, tendo gerado interações que iam desde conflitos envolvendo raça e cor até a possibilidade de formação de famílias, como possivelmente foi o caso dos pais de Christiano. De acordo com Vieira (2017), em 1913 a região da Colônia Africana passa a se denominar “Bairro Rio Branco”, em homenagem ao Barão do Rio Branco. Porém, em relatórios de 1918 a Intendência Municipal fez menção à região como “Bairro Rio Branco (antiga Colônia Africana)” (p. 134), demonstrando que até mesmo a administração do Município ainda não utilizava o novo nome habitualmente (Vieira, 2017).

Através das relações estabelecidas entre os espaços ocupados por Christiano no período, é possível perceber que ele esteve presente em locais que ao mesmo tempo tinham importância significativa para a população negra da cidade e para as organizações do movimento de trabalhadores – como foi o caso de seu envolvimento com a União Operária Internacional através da atuação na fundação da Escola Moderna. Assim como outras tentativas, a Escola Moderna também pregava o ensino racionalista e cientificista através de palestras com temáticas sociais e anticlericais, uma característica dos libertários. Em 1918, finalmente, podemos localizar Christiano na direção da Escola Noturna Apolinário Porto Alegre, também de ensino livre, e que tinha em seu currículo “lições de civismo e política republicana” (Matosinho, 2009, p. 14), indicando talvez uma orientação política relativamente diferenciada a essa altura de sua vida.

A trajetória de vida de Christiano também foi marcada pela vivência acadêmica. Em 1910, por exemplo, é citado como acadêmico de engenharia,²⁰ sendo um dos integrantes da recepção ao Deputado Federal pelo Rio de Janeiro Monteiro Lopes, que visitava Porto Alegre talvez – na ocasião, Christiano tomou a palavra e fez uma saudação ao Deputado eleito no ano anterior. Ainda que não tenhamos acesso ao discurso, podemos imaginar as palavras de Christiano em função da trajetória e dos ideais empreendidos pelo então deputado. Monteiro Lopes enfrentou as barreiras impostas pelo racismo e, quando decidiu se candidatar, desafiou também o sistema político da Primeira República, a ponto de sofrer sérias investidas de outros políticos e elites da época que se utilizavam de

²⁰ A Federação, 22 de janeiro de 1910, p. 2



argumentos racialistas para impedir que o mesmo assumisse o cargo (Domingues, 2009). Em contrapartida, formou-se uma verdadeira campanha a seu favor, que pode ser exemplificada na recepção realizada na capital gaúcha, uma das cidades visitadas pelo político como uma espécie de agradecimento às mobilizações em prol de sua candidatura. De acordo com Dantas (2014), tais recepções contavam com “muitas bandas de música, presença de várias sociedades negras com seus estandartes e de lideranças negras locais” (p. 112). Monteiro Lopes suscitava duras críticas ao sistema oligárquico da Primeira República, defendia a ampliação da cidadania para negros e negras e posicionava-se pela universalização de direitos, uma luta constante levada por inúmeros outros personagens do período, inclusive por Christiano. Em 1916, Christiano ainda aparece como acadêmico de Engenharia,²¹ mas a pesquisa nas fontes não permitiu-me concluir se ele concluiu o curso. Sua próxima aparição no meio acadêmico é em 1928, quando é mencionado como sendo um dos 21 alunos que concluíram o curso da Faculdade de Direito.²²

Não foi apenas durante a recepção a Monteiro Lopes que Christiano Fettermann fez o uso da fala como orador. Em festivais realizados por agremiações negras na cidade, era comum encontrar sua presença através de conferências literárias. Em 1916, por exemplo, Christiano participou como orador no festival promovido pelo Grêmio Dramático Arthur da Rocha, ocorrido no salão da Floresta Aurora. Na mesma ocasião, houve uma encenação da comédia intitulada “A queda da monarquia” que, de acordo com O Exemplo, agradou bastante o público.²³ No festival também se fez presente Espiridião Calisto, um dos fundadores do jornal O Exemplo, que ergueu um brinde a Christiano como forma de homenageá-lo, tendo o mesmo agradecido e lembrado de que “devemos congregar a fim de repelir com vantagem os estúpidos ataques retrógrados escravocratas”.²⁴ Em evento organizado pelo Exemplo em 1917, em benefício da herma de José do Patrocínio, na sede da Floresta Aurora, Christiano realizou uma Conferência literária que também foi bastante saudada pelos presentes.²⁵

Como podemos perceber, Christiano possuía um trânsito bastante significativo por variados espaços associativos e políticos da cidade, ocupando locais de destaque em

²¹ O Exemplo, 8 de setembro de 1916, p. 2.

²² A Federação, 24 de dezembro de 1928, p. 4

²³ O Exemplo, 8 de setembro de 1916, p. 3

²⁴ Ibidem.

²⁵ A Federação, 21 de agosto de 1917, p. 2.

vários deles. Dessa forma, suas experiências associativas nos permitem vislumbrar as possibilidades políticas por ele traçadas ao longo da vida. Assim, encontramos Christiano, por exemplo, figurando em 1915 como um dos sócios do Centro Republicano Júlio de Castilhos e prestando solidariedade a Borges de Medeiros (então governador do estado) que passava por problemas de saúde.²⁶ Ao lado da atuação na já citada Escola Noturna Apolinário Porto Alegre, de orientação mais republicana, tal informação pode sugerir um certo distanciamento do anarquismo por parte de Christiano. Nesse sentido, peço licença para discorrer brevemente a respeito do republicanismo no Rio Grande do Sul, de orientação mais ligada ao positivismo e que vai culminar na formação do Partido Republicano Riograndense (PRR), organização encabeçada por Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, entre outros.

De 1891 a 1928 o Rio Grande do Sul fora governado por um mesmo partido, o PRR, inicialmente pequeno e sem o apoio das elites tradicionais ligadas ao latifúndio (ligadas à época ao Partido Liberal). De viés autoritário, se alinhou muito mais ao positivismo do que ao liberalismo, ao contrário do que acontecia com outros Partidos Republicanos no país (Pinto, 1986). Tendo como um de seus teóricos mais importantes Augusto Comte, o positivismo adotado pelo partido no governo defendia o progresso pela ação do Estado, que deveria ser puramente técnico, não passando por orientações ideológicas, que guiaria o Rio Grande do Sul para uma espécie de modernização de cunho conservador no período (Queirós, 2009). Contudo, houve também uma combinação desses elementos autoritários aos mais liberais que nos ajudam a entender alguns aspectos da sua política, como na promulgação da Constituição Estadual de 1891 (lembramos que a Constituição Federal permitia a autonomia política e administrativa aos estados), a qual concentrava poderes no Executivo mas, ao mesmo tempo, concedia liberdades como a de profissão, desobrigando o governo de manter instituições de ensino superior, que passam a ser de iniciativa de particulares.

Ao longo de sua existência, o PRR aglutinou setores médios urbanos, algumas parcelas de imigrantes europeus, proprietários de indústrias e comerciantes, configurando uma base bastante ampla. De acordo com Santos (2011), a aderência de membros do Exemplo ao Partido deveu-se em grande parte pela questão da abolição, defendida desde

²⁶A Federação, 26 de julho de 1915, p. 1.

o século XIX e pode significar, ao longo do século XX, possibilidades de apadrinhamento político e ampliação das possibilidades de atuação para aqueles homens negros. Perussato (2018) também identifica que mais cedo ou mais tarde os envolvidos na fundação de O Exemplo se envolveram com o Partido Republicano Riograndense, valendo-se de sua ideologia republicana e atribuindo a ela características particulares e que lhes eram necessárias.

Além de Christiano e Júlio Rabello, os irmãos Calisto – que fizeram parte do grupo fundador de O Exemplo – também aparecem como membros do Centro Republicano Júlio de Castilhos. Florêncio Calisto, funcionário público da Secretaria do Conselho Municipal (Perussatto, 2018), aparece como secretário da organização em 1919.²⁷ A partir de 1920, o irmão Espiridião Calisto também passa a compor as fileiras do Centro Republicano Júlio de Castilhos, o que pode nos sugerir que tal espaço tenha sido visto como um dos meios de articulação política para aqueles homens negros do período.

Para tratarmos dos diferentes projetos políticos pelos quais negros e negras dedicaram a vida, precisamos voltar os olhos para antes do 13 de maio de 1888. Além do Republicanismo e suas disputas, tratadas no parágrafo a seguir, é preciso também citar que no Rio Grande do Sul, por exemplo, há uma considerável adesão negra ao então Partido Liberal, de cunho mais conservador, ainda no Império, como é o caso de Aurélio Viríssimo de Bittencourt e de outros membros da direção da Sociedade Floresta Aurora durante a década de 1880 (Moreira, 2019). Além disso, e assim como em outros locais do país, as manifestações de organizações e grupos negros em favor da Monarquia ou da família Imperial não foram registros raros. Em 1885, por exemplo, há uma recepção dos músicos do Floresta Aurora ao Conde d’Eu e à Princesa Isabel quando da passagem do casal Imperial por Porto Alegre – fato amplamente hostilizado pelo jornal A Federação, do Partido Republicano Riograndense (Moreira, 2019). Para a região central do país, é amplamente conhecida pela historiografia a organização da Guarda Negra da Redentora, uma organização de libertos, dentre eles muitos capoeiristas, formada na cidade do Rio de Janeiro nos meses finais de 1888 com o intuito de defender libertos e a figura da princesa Isabel (Gomes, 2005; Domingues, 2018). Nesse sentido, ainda que tenha se observado um maior alinhamento de libertos e livres ao Republicanismo muito em função

²⁷O Exemplo, 9 de novembro de 1919, p. 2



de sua concepção de cidadania universal, é importante assinalar que ele não foi o único projeto político por eles construído no período compreendido entre a abolição e o início da República.

Mesmo no que se refere ao movimento republicano, as disputas de sentido dentro do movimento são históricas e alcançam, pelo menos, a metade do século XIX, em meio aos acalorados debates acerca do fim da escravidão. Analisando a trajetória do rábula e abolicionista negro Luiz Gama, Azevedo (1999) chama atenção para os diferentes grupos que se alinhavam ao republicanismo em finais do século XIX em São Paulo, no contexto em que se acirraram os discursos e posições a respeito da emancipação. Para Luiz Gama, pertencente a uma linha vista como mais radical – que defendia a imediata “substituição do trabalho servil para o trabalho livre”(p. 142) – pensar a abolição e seus desdobramentos era também defender uma determinada visão de República. Jogando luzes em alguns episódios da vida de Gama, a autora nos convida a pensar que a atuação daqueles homens e mulheres negras no período obedeceu a lógicas próprias, permitindo-nos melhor entender qual modelo de República defendiam.

Contudo, nem mesmo a abolição foi capaz de determinar o fim desses debates, que permaneceram e se estenderam ao longo do século XX com sentidos diversos. Christiano Fettermann e outros negros gaúchos estiverem em disputa a respeito de qual republicanismo lhes interessava, nos permitindo empreender uma análise que transcenda as divergências meramente institucionais colocadas no período, as quais privilegiam personagens – brancos – ligados ao governo. A aposta nos ideais republicanos pode ter operado como uma forma de consolidação da igualdade formal e de ampliação de direitos que iam para além da retórica liberal propalada pelo movimento republicano em geral (Domingues, 2014), que, como vimos, sequer alcançou tais traços no Rio Grande do Sul. A liberdade e a igualdade, para os negros e negras que minimamente se alinhavam ao republicanismo no período significava o acesso a direitos que não distinguissem a cor (Domingues, 2014).

A adesão ao republicanismo não significou, por parte de Christiano, exclusão de críticas a respeito dos rumos tomados pelo regime republicano até ali, como demonstra outro texto vinculado em O Exemplo também no ano de 1910. O autor começa afirmando que “Na República estava a salvação do patrimônio nacional, apesar de ser representado



por uma ode de analfabetos que boiava por cima da escravatura. A República era um grito pomposo e estridente que soava aos ouvidos dos descrentes da monarquia”. Assim como outros trabalhos já apontaram, sobretudo no que se refere ao fim do século XIX, havia grandes expectativas de que o fim da escravidão e a inauguração da República pudessem superar as diferenças entre negros e brancos na sociedade brasileira (Pinto, 2018). No entanto, com avançar do século XX, as experiências de liberdade no novo regime demonstravam que as hierarquias raciais ainda permaneciam pautando as relações sociais. Em tom de denúncia, Christiano afirma que

A República não se fizera até então pela mesma razão porque ainda hoje a democracia social não é uma verdade (...) E, claro que hoje a República já não satisfaz mais o desejo de liberdade que no homem vão crescendo como uma eclipse. Na República brasileira até onde vão os seus efeitos de democracia? Onde ela começou a ser útil? Onde ela desmente a Monarquia? Onde os indivíduos compreenderam melhor a existência social? Onde os homens se aperfeiçoam?

Para além do evidente tom de “desilusão” colocado no texto, acredito que o mesmo nos permite refletir acerca das formas pensadas por aqueles sujeitos de como a República deveria ser. As críticas expostas fazem parte de um conjunto amplo e diverso de projetos e expectativas elaborados por sujeitos negros a partir do processo de abolição e que, em grande parte, foram frustrados na medida em que a República se consolida. A ideia de que a democracia poderia ter sido finalmente expandida pode demonstrar os anseios por mais participação e representação política naquela sociedade. André Rebouças, conhecido engenheiro nascido no Rio de Janeiro, por exemplo, defendia que só a “democracia rural” – onde o Estado deveria garantir o acesso à terras públicas aos libertos – poderia de fato completar a abolição (Mattos, 2016). Em sua visão, isso acabou não ocorrendo, pois a República não passava de um golpe orquestrado pela velha elite latifundiária que temia tais reformas. O Baiano Manuel Querino – um dos fundadores da Escola de Belas Artes da Bahia – também viu as expectativas de “cidadania democrática” se esvaziarem ao longo dos anos devido ao fato de a República ter fortalecido o poder das oligarquias (Gledhill, 2013). Christiano, por fim, também questiona “onde os homens se aperfeiçoam?” no citado texto. Podemos apreender que tal questionamento refere-se tanto ao aperfeiçoamento intelectual/moral – defendido por O Exemplo desde o lançamento de



sua primeira edição, em 1892 – e também no direito ao aperfeiçoamento laboral no pós-abolição.

Reitero que os projetos ligados à defesa da instrução foram uma constante batalha empreendida pelos envolvidos na manutenção do jornal *O Exemplo*, vide o projeto de Escola Noturna que começou a ser gestado a partir de 1902. O contexto em que é escrito o referido texto de Christiano é o da elaboração do Asilo 13 de Maio, abraçado pelo jornal como um espaço de acolhimento de crianças negras órfãs, onde as mesmas teriam aulas de artes e ofícios (Perussatto, 2018). A defesa da instrução e do “aperfeiçoamento” fez parte de diversos projetos empreendidos por sujeitos negros no período, a exemplo do já citado Manuel Querino. A partir do diálogo estabelecido com Booker T. Washington, o intelectual baiano defendia a educação profissionalizante a partir do Liceu e da Escola de Belas Artes (Gledhill, 2013). A defesa do adiantamento para pessoas negras no período abarcava diferentes frentes, passando pela educação intelectual, moral e profissional.

Como coloquei anteriormente, é possível que tenha acontecido um certo distanciamento de Christiano com as ideias anarquistas. Contudo, tal reflexão não deve ser colocada em termos absolutos, pois os anos de sua atuação na Escola Moderna e no Centro Republicano são muito próximos, além do que, como já exposto, a Escola pregava os ideais cientificistas em sua forma de ensino, características importantes tanto para os libertários como para os republicanos positivistas no Rio Grande do Sul. A aproximação com correntes de pensamento que podem parecer contrárias – como o anarquismo e o republicanismo – em períodos aproximados nos ajuda a compreender a complexidade de experiências e repertórios políticos acionados por Christiano e outros personagens do pós-abolição com o intuito de alargar a busca por direitos no período. Pinto (2019), ao analisar os elos entre o abolicionismo, o republicanismo e o socialismo na vida do pintor e desenhista Vicente de Souza nos convida a problematizar o encaixe de determinadas opções políticas em “etapas” que acabam induzindo a um entendimento compartilhado da realidade de indivíduos que não corresponde à realidade das suas experiências.

A entrada e posterior formatura no curso de direito também pode ter permitido um maior alinhamento de Christiano ao Republicanismo, ainda que se tenha apenas especulações a respeito da data exata na qual ele passa a frequentar o curso. A Faculdade Livre de Direito fora formada por iniciativa de particulares no início do século XX, muitos



destes ligados ao Partido Republicano Riograndese. De acordo com Grijó (2009), pode-se afirmar que ela funcionava como um espaço de formação jurídica para jovens que já eram simpáticos ao republicanismo. A ligação pode ser exemplificada através das inúmeras notas e citações elogiosas que constavam no jornal *A Federação*, então órgão do PRR, à Faculdade. Para além disso, é necessário dizer que a relação com a mesma não se dava pelo viés de controle governamental pois, como já vimos, a constituição estadual elaborada pelo governo não permitia o controle de instituições de ensino superior pelo estado, mas sim por “mecanismos que incluíam diretores sintonizados com lideranças políticas, evolução patrimonial dependente de recursos públicos” (p. 334), dentre outras formas. De acordo com o autor, os interesses do partido em apoiar de diversas formas a Faculdade de Direito foi um meio de formar militantes alinhados às suas ideias para que o mesmo pudesse se fortalecer e fazer frente ao governo central num contexto em que o estado do Rio Grande do Sul não tinha muita expressão na política nacional (Grijó, 2005). Se é verdade que o republicanismo ganhou adeptos entre os “homens de cor”, também compuseram essa conjuntura as inúmeras críticas que o regime recebeu à medida que avançava o século XX, como demonstra a produção textual de Christiano.

Em sua trajetória, Christiano passou por uma experiência profissional e de vida longe de Porto Alegre. Em extensa nota veiculada no *Exemplo* em 1918 encontrei a notícia de que ele fora aprovado em um exame de holandês para realizar a censura de correspondências do idioma junto à Diretoria dos Correios na Capital da República. Como já mencionado, em 1919 Christiano ainda aparece ligado à Diretoria Geral dos Correios e, mesmo que não conste a menção à cidade, é provável que se trate do Rio de Janeiro. Como forma de despedida, seus companheiros de *O Exemplo* fizeram uma emocionante homenagem a quem tanto se dedicou ao projeto desempenhado pelo jornal, expressada nas linhas logo a seguir. *O Exemplo*, afinal, era um projeto coletivo, e o crescimento pessoal de indivíduos que outrora colaboraram mais diretamente com a folha significava também a concretização do “adiantamento coletivo”, um dos objetivos exposto ainda no primeiro exemplar, em 1892.

Nas colunas desta folha Christiano Fettermann, em estuante colorido, revelou quanto é delicada e finamente educada a pena que em sua mão expressa as manifestações de seu cérebro. Alguns amigos e admiradores do seu erudito intelecto prepararam-lhe um brilhante festival de despedida no qual tomarão parte



vários amadores conhecidos em nosso meio social. A Christiano Fettermann agradecemos a consideração e o auxílio intelectual prestado a esta folha e felicitando-o pela honrosa comissão que vai exercer, nos rejubilamos, por ve-lo partir para um centro intelectual adequado ao seu saber e que melhor justiça fará aos seus dotes intelectuais.²⁸

Como mencionado anteriormente, Djalma Fettermann, irmão de Christiano, foi aprovado em 1919 em concurso para o cargo de praticante para os Correios, optando por exercer a profissão no Rio de Janeiro (Marçal, 1995). Ou seja, os irmãos chegaram a estar na cidade ao mesmo tempo. De acordo com Bilhão (2005), chegou a existir uma rede de solidariedade entre militantes anarquistas no Rio de Janeiro, o que possibilitou a troca de informações e até mesmo o deslocamento de indivíduos no período. Ainda que tenham ido a trabalho, é provável que tal rede tenha sido acionada pelos irmãos Fettermann, principalmente por Djalma, que permanecia ativo como militante anarquista. Contudo, a experiência de Christiano na capital da República não durou muito. Em 1920 ele foi desligado da Diretoria dos Correios²⁹ por abandono de emprego,³⁰ concluindo uma trajetória de oito anos no serviço público. Não foi possível localizar a data exata de retorno a Porto Alegre, mas é provável que seja a partir desse retorno que ele tenha ingressado na Faculdade de Direito, visto a data de sua formatura (1928).

Um dos últimos registros por mim localizada data de 1927. Trata-se de uma nota bastante elogiosa a respeito da tradução do latim, realizada por Fettermann, do livro I e II Orações de Cícero contra Catilina.³¹ De acordo com a notícia veiculada no espaço crítica literária do periódico A Federação, a tradução realizada iria favorecer “uma grande quantidade de estudantes de direito e de outras matérias”. Assim, é possível perceber que, mesmo após a rápida passagem pelo Rio de Janeiro e que culminou com sua saída do serviço público, Christiano permanecia atuante e sendo reconhecido em meio ao mundo intelectual e letrado de Porto Alegre no avançar da década de 1920.

²⁸O Exemplo, 2 de junho de 1918, p. 2.

²⁹Correio da Manhã (Rio de Janeiro), 5 de maio de 1920, p. 6.

³⁰O Jornal (Rio de Janeiro), 3 de maio de 1920, p. 2.

³¹A Federação, 2 de setembro de 1927, p. 3



A trajetória do libertário, que influenciou tantos espaços por onde transitou através de suas “palavras vibrantes e inspiradas”,³² chegou ao fim em 20 de agosto de 1930.³³ Com certeza, o caminho trilhado através do serviço público, da defesa da instrução e do acesso ao meio acadêmico e, sobretudo, a luta por uma sociedade mais igualitária animaram projetos individuais e coletivos que permaneciam (e permanecem) urgentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de Carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.

BILHÃO, Isabel. *Identidade e trabalho: análise da construção identitária dos operários porto alegrenses (1896- 1920)*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação História, UFRGS, 2005.
_____. *Imprensa e educação operária: análise da difusão do ensino racionalista em jornais anarquistas brasileiros (1900- 1920)*. Educação Unisinos, vol. 20, nº 2, maio-agosto 2016.

DANTAS, Carolina Vianna. Eleições e mobilização negra: O caso das viagens de Monteiro Lopes pelo Brasil (1909- 1910). *Histórias do pós-abolição no mundo atlântico: identidades e projetos políticos – volume 1* / organizado por Martha Abreu, Carolina Vianna Dantas e Hebe Mattos. – Niterói : Editora da UFF, 2014.

DOMINGUES, Petrônio. “*Vai ficar tudo preto*”: *Monteiro Lopes e a cor na política*. Novos Estudos, nº 95, març/2013.

_____. *Cidadania levada a sério: os republicanos de cor no Brasil*. In: Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil. Domingues, Petrônio; Gomes, Flávio (org.) São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

_____. *Associativismo negro*. SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos. (Orgs). Dicionário da Escravidão e Liberdade. 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FERREIRA, Higor F. *Em tintas negras: educação, ensino e a trajetória de Pretextato dos Passos e Silva na corte Imperial - novas evidências*. Revista da ABPN, v. 10, n. 25 , mar – jun 2018, p.26-42.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. *O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico*. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Lisboa: Difel, 1989. p. 169-178.

GLEDHILL, Sabrina. *Manuel Querino: operários e negros diante da desilusão republicana*. In: BACELAR, Jeferson; PEREIRA, Cláudio (Org.) Política, instituições e personagens da Bahia (1850-1930). Salvador: EDUFBA; CEAO, 2013

³²Palavras usadas na coluna de O Exemplo a respeito da fala proferida por Christiano Fettermann em Festival realizado pelo Grêmio Dramático Arthur da Rocha (O Exemplo, 8 de setembro de 1916, p. 3).

³³Notas citando a morte de Christiano: Correio da Manhã (Rio de Janeiro), 20 de agosto de 1930, p. 8; O Paiz (Rio de Janeiro), 20 de agosto de 1930, p.6.



GOMES, Flávio dos Santos. *Negros e Política (1888- 1937)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GRIJÓ, Luiz Alberto. *Quando o privado tem interesse público: a fundação e a trajetória institucional da Faculdade Livre de Direito de Porto Alegre (1900- 1937)*. HISTÓRIA, São Paulo, vol. 28, nº 2, 2009.

_____. TESE, *Ensino Jurídico e Política partidária no Brasil: a Faculdade de Direito de Porto Alegre (1900- 1937)*. Tese (doutorado), UFF, 2005.

LESCH, Inês Martina. *A busca de um ideário urbanístico no início do século XX: Der Stadtebau e a Escola de Engenharia de Porto Alegre*. Tese (Doutorado), UFRGS, 2014.

MACEDO, Cassia Daiane; Rosa, Marcus Vinicius. *O voo de ícaro: Arthur da Rocha e o mundo letrado na Porto Alegre do século XIX*. In: CHALHOUB, Sidney; PINTO, Ana Flávia Magalhães. (Org.). *Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

MARÇAL, João Batista. *Os anarquistas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, UE/Porto Alegre, 1995.

MATOSINHO, Juliana de Oliveira. *Embates pela Educação: as iniciativas libertárias de ensino e o Estado na Primeira República em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul*. Trabalho de Conclusão de Curso, UFRGS, 2009.

MATTOS, Hebe. *André Rebouças e o pós-abolição: entre a África e o Brasil (1888- 1898)*. In: CHALHOUB, Sidney; PINTO, Ana Flávia Magalhães. (Org.). *Pensadores negros – pensadoras negras: Brasil séculos XIX e XX*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

MONSMA, *Vantagens de imigrantes e desvantagens de negros: emprego, propriedade, estrutura familiar e alfabetização depois da abolição no oeste paulista*. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 53, no 3, 2010

MOREIRA, Paulo Staudt. *Havemos de ser atendidos em nossos direitos, uma vez que servimos para votantes e soldados, não obstante a nossa cor: associativismo, direitos e cidadania (a Sociedade Beneficente Cultural Floresta Autora, séc. XIX)*. Revista Mundos do Trabalho. Florianópolis, vol. 11, 2019

PERUSSATTO, Melina K. *Arautos da Liberdade: educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (c. 1892- c. 1911)*. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018.

PETERSEN, Silvia Regina F. *Que a união Operária seja a nossa pátria!: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Santa Maria: editora UFSM, 2001.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2018.

_____. *Vicente de Souza: intersecções e confluências na trajetória de um abolicionista, republicano e socialista negro brasileiro*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 32, nº 66, p. 279, janeiro-abril 2019



ROSA, Marcus Vinicius F. *Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós- abolição (1884- 1918)*. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2014.

SANTOS, José Antônio. *Prisioneiros da História: trajetórias intelectuais na imprensa negra meridional*. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2011.

SEYFERTH, Giralda. *A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica*. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994

VIEIRA, Daniele M. *Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre 2017.

Recebido 03/07/2020

Aprovado em 22/07/2020